

Horizontes de expectativas: leitores e continuadores de Euclides da Cunha nas páginas do jornal Tapejara em Ponta Grossa, 1952.¹

Caroline Gonzatto²

Cláudio DeNipoti³

[...] porque estamos procurando compreender o que aconteceu entre homens que vivem entre livros, com os livros, pelos livros, e por isso também as suas palavras sobre os livros são importantes.⁴

Este estudo diz respeito aos labirintos da biblioteca do Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC), criada em 1947, na cidade paranaense de Ponta Grossa, por Faris Antonio Salomão Michaele. Essa foi a primeira biblioteca aberta ao público da cidade, tendo como principais freqüentadores, na maioria, estudantes do Colégio Regente Feijó, onde Michaele lecionava⁵. Isso, por si só, foi suficiente para que se criasse uma mística heróica em torno tanto do CCEC, quando da pessoa que o fundou. Diz-se que “*Antes de Faris, a cidade era*

¹ Este trabalho está vinculado ao *Centro de Estudos em História da Leitura, do Livro e da Biblioteca* (CEHBIB), do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

² Bacharel em história pela UEPG.

³ Doutor em história. Professor Associado do Departamento de história da UEPG.

⁴ ECO, H. *O nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Record/Altaya, 1986. p. 137.

⁵ Faris Michaele foi um dos primeiros professores do Curso de História e Geografia da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras, criada em 1949, um dos núcleos da atual Universidade Estadual de Ponta Grossa. Também era professor do Ginásio, hoje Colégio Regente Feijó de 1937 até o ano de sua aposentadoria, em 1967. CHAVES, Niltonci Batista (org.). *Visões de Ponta Grossa: cidade e instituições*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2004. p. 186.

toda voltada para as atividades comerciais e industriais, [...]. Sem biblioteca pública, sem memória, sem literatura... Os poetas, minguaquíssimos, os escritores, os oradores agindo por conta própria, isolados, sem objetivos [...] *Depois do advento* de Faris, quer por sua ação direta, ou simplesmente catalisadora, começou a época de fastígio cultural da cidade, seus anos de ouro”⁶.

De acordo com Carmencita de H. M. Ditzel, o CCEC foi “herdeiro de tradições” originárias do século XIX, tais como sua preocupação em “escrever a história nacional, isto é, selecionar e hierarquizar acontecimentos e conflitos, enaltecer personagens, forjando heróis e símbolos nacionais”.⁷ Teríamos que acrescentar que o CCEC foi fundado por leitores de Euclides da Cunha, prioritária, mas não exclusivamente, pontagrossenses. Mais tarde, com a criação de seu jornal, o CCEC proporcionaria uma variedade de leitores maior ainda. Mais que uma “concepção positivista e cientificista desses intelectuais”⁸ que “membravam” o corpo do CCEC, destaca-se uma especificidade: essas concepções eram simbolizadas na obra de Euclides da Cunha.

O CCEC foi aquilo que podemos chamar de a sede de um *fan club*. Os *fans* do Centro, autodenominados euclidianistas⁹ ou euclidianos, iniciaram essa corrente em

⁶ WANKE, Eno Theodoro. *Faris Michaele, o Tapejara: uma biografia*. Rio de Janeiro: Edições Plaquette, 1999. p.7, sem grifo no original.

⁷ DOMINGUES, H. M. B. *Os intelectuais e o poder na construção da memória nacional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986. In: DITZEL, C. de H. M.; SAHR, C. L. L. *Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais*; Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001. p. 212.

⁸ *Idem* p.214.

⁹ Movimento iniciado por amigos e admiradores de Euclides da Cunha no dia de seu aniversário de morte. “Reunidos no Cemitério São João Batista diante do túmulo do escritor, fizeram o juramento de levar adiante sua palavra. Entre os iniciadores do movimento, estavam o escritor amazonense Alberto Rangel e o maranhense Coelho Neto. Na mesma época, foi criado o Grêmio Euclides da Cunha, que funciona até hoje, com o objetivo de estudar e divulgar a obra do escritor. Nasceram os ‘euclidianos’ ou ‘euclidianistas’, grupo de amigos e admiradores fieis que passaram a se reunir nos aniversários de nascimento e morte do escritor e em datas comemorativas para marcar o protesto [em reação à absolvição de Dilermando de Assis, acusado de ter assassinado Euclides] e cultural

prol da memória do autor de *Os Sertões*,¹⁰ e em reconhecimento às suas obras. Este reconhecimento pode ser observado nas expressões que os euclidianos utilizavam nas correspondências, trocas de livros, na fundação da biblioteca e do próprio CCEC, na criação do jornal do qual que seus sócios eram os redatores. Caracterizações de Euclides como corajoso, valente, e de sua obra como grande engenho do pensamento humano, etc., eram usuais.

O Jornal *Tapejara* nasceu nesta perspectiva: de tornar públicos a admiração, o culto, o gosto, o prazer, de ler, de conhecer o escritor e ainda, fazer o público conhecer uma parte do país que estava sendo descoberta pela “civilização litorânea”¹¹. Na medida em que tinham consciência de transmitir uma mensagem tão essencial, esses escritores mostraram outro traço comum, nitidamente fixado: o desejo de fazer com que outros se beneficiassem dessa mensagem. No *Tapejara*, foi projetada a meta de conquista do imaginário social. Se utilizarmos um conceito de Roger Chartier, podemos pensar que o CCEC era tido como símbolo de uma esfera literária autônoma (ou seja, independente como instituição) na qual se estabelecia uma lógica possível: organizaram-se com dispositivos formais (ou seja, textos em jornais) para inscreverem em suas próprias estruturas as expectativas e competências do público que visavam, dessa forma já selecionariam-no, criando uma representação da diferenciação social¹².

o escritor que tanto admiravam”. ABREU, Regina. *O Enigma de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Funarte, 1998. p. 300.

¹⁰ Euclides da Cunha acompanhou, “de agosto a outubro de 1897, a 4ª expedição, formada por oito mil soldados, equipados com moderno armamento, cuja retaguarda foi organizada pelo próprio ministro da Guerra, marechal Carlos Machado de Bittencourt. Fez no livro, a autocrítica do patriotismo exaltado de suas reportagens e reconheceu a omissão de sua cobertura jornalística, ao denunciar a matança dos presos, sobre a qual antes se calara”. VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha no vale da morte. *Revista USP*. Jul./ago. 2002. n.54. p.16-29.

¹¹ Ver ABREU, *O enigma de Os Sertões*, ... p. 173.

¹² CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002. p. 77-78. Ver também. _____. *A ordem dos livros; leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Ed. UNB, 1998.

Com vinte e quatro edições entre 1950 a 1971, o jornal era composto principalmente por artigos de escritores locais, por contribuições vindas dos mais diversos autores - brasileiros ou latinos-americanos. Há, por exemplo, contribuições de Gilberto Freyre, e reproduções de artigos de José de Alencar. *O Tapejara* é o foco deste estudo, que, por sua vez, procura revelar o mundo dos leitores de *Os Sertões*, através de uma amostra deste mundo.

Interessam aqui, portanto, os textos que permitam percebermos as leituras feitas por diferentes leitores de *Os Sertões*, 50 anos após sua publicação. Pensando numa maneira de reconstruir a diversidade de leituras, (e nesse caso, leitura pode ser entendida como atribuição de sentidos, a partir dos processos de significação que trabalham o texto¹³), o método aqui adotado é o de compreender e explicitar como o texto produziu sentidos para os euclidianos do CCEC e, além disso, situar de que modo esses euclidianos (sujeito-leitores) apreenderam e interpretaram a obra de Euclides da Cunha. De modo bastante sucinto, procura-se atravessar os efeitos que a linguagem como discurso produz e sua relação com o “real” da história, ou seja, com o debate historiográfico em que atuaram esses sujeitos-leitores. Procura-se também analisar a construção dos discursos destes escritores tendo como hipótese as idéias de que eles julgaram e tinham a intenção de preservar a obra de Euclides para a eternidade, mas julgaram-na a partir de um modelo de entendimento do homem e de seu tempo, no sentido proposto por Temístocles Cezar:

Lembrar-se, ou ressuscitar o passado, pode ser um exercício temerário e pleno de sofrimentos. Não obstante, quando a memória é organizada, é depurada, por uma *associação litteraria*, ela se torna positiva. (...) Assim, pouco importa se se trata de uma memória

¹³ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e leitura*. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999. p.7-9. Na perspectiva da análise de discurso, o texto é definido como unidade complexa de significação, ele funciona através do processo de interação do sujeito-leitor com o discurso.

individual ou coletiva... O principal é que a conversão de uma memória ou de um passado qualquer seja uma lembrança de *glória*¹⁴.

As práticas discursivas dos diferentes escritores do jornal *Tapejara* indicam diferentes práticas de leitura, que podem auxiliar a compreensão dos significados da leitura de *Os Sertões*. Elas permitem ao historiador inferir de que modo as pessoas liam, no passado, e quais eram as diferentes formas de apropriação da obra.

Pensando, então, o horizonte de expectativa como um conjunto de hipóteses compartilhadas que se pode atribuir a uma geração de leitores,¹⁵ busca-se, através da história da leitura, restabelecer as maneiras como obras em questão foram lidas e compreendidas, atribuindo à história, simultaneamente, a *dinâmica* da literatura e o *contexto* da literatura:¹⁶

Os estudos recentes interessam-se por saber como uma obra “afeta” o leitor, um leitor ao mesmo tempo passivo e ativo, pois a paixão do livro é também a ação de lê-lo. A análise da recepção visa ao efeito produzido no leitor, individual ou coletivo, e sua resposta (...) ao texto considerado como estímulo¹⁷.

Veremos, portanto, o texto como objeto simbólico, uma estrutura potencial concretizada pelo leitor e na leitura, um processo que põe o texto em relação com normas e valores extra literários modificados pela experiência da leitura, por intermédio dos quais o leitor dá sentido à sua experiência do texto:

Quando lemos, nossa expectativa é função do que nós já lemos - não somente no texto que lemos, mas em outros

¹⁴ CEZAR, Temístocles. Presentismo, memória e poesia. Noções da escrita da História no Brasil oitocentista. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org.). *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. São Paulo: EDUSC, 2004. p.57.

¹⁵ COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p.212.

¹⁶ *Idem.* p.197.

¹⁷ *Idem.*,... p.148.

textos -, e os acontecimentos imprevistos que encontramos no decorrer de nossa leitura obrigam-nos a reformular nossas expectativas e a reinterpretar o que já lemos (...)¹⁸.

Então, por essa definição, pode-se dizer que o texto contido nos artigos do jornal *Tapejara*, são respostas à leitura. Chartier complementarmente dizendo: “a leitura não é somente uma operação abstrata da inteligência: ela é uso do corpo, inscrição em um espaço, relação consigo ou com o outro. É por essa razão que devem ser reconstruídas as maneiras de ler próprias a cada comunidade de leitores, (...)”¹⁹.

As apropriações da obra de Euclides da Cunha utilizadas para a divulgação do Jornal, criaram uma espécie de sociabilidade de leitura, ao tornar públicas leituras específicas e individuais, “um contraponto fundamental à privatização do ato de ler e seu refúgio na intimidade da solidão”²⁰. Visavam a um público específico e, dessa forma, inscreveriam sua produção de textos a uma pluralidade de apropriações. “Novos públicos e novos usos”, por um lado, e “novas distinções”, de outro.²¹

Partindo da abordagem de diferenciação do social através dos objetos, das formas, dos códigos, aventura-se nesse estudo a uma retomada que poderia justificar com mais pertinência as variações culturais desde a escrita de *Os Sertões* até a criação do Centro Cultural e, anos depois, a publicação de seu Jornal. Isso não quer dizer uma História de Ponta Grossa, embora o Centro esteja inserido neste lugar e contexto. O CCEC tinha sua especificidade, o que a caracterizou foi perceber com que prazer eles narravam e explicitavam seus pontos de vista e, ainda, como escreviam o Jornal.

Por outro lado, se pensarmos na dimensão coletiva da leitura, o ângulo de abordagem torna-se comparativo: comparam-se as relações dos textos entre si no tempo e mais

¹⁸ COMPAGNON, *O demônio da teoria*,... p.148-149.

¹⁹ CHARTIER, *A beira da falésia*,... p.70.

²⁰ CHARTIER, Roger. Textos, impressões e leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992, 211-238. p. 217.

²¹ CHARTIER, *A beira da falésia* ..., p.77.

ainda, a relação dos textos com seus contextos históricos. “Invocar o contexto histórico”, escreve Compagnon, “serve geralmente, na verdade para explicar o movimento literário”²². “A história designa ao mesmo tempo a *dinâmica* [seu movimento] da literatura e o *contexto* da literatura”.²³ Segundo Jauss:

A vida da obra literária na história é inconcebível sem a participação ativa daqueles a quem ela se destina. É a intervenção destes que faz com que a obra entre na continuidade instável da experiência literária, onde o horizonte muda sem cessar [...]²⁴.

É a solidarização entre a história e a literatura. O papel do historiador, acrescenta Compagnon, é “restabelecer a maneira como os primeiros leitores, e os seguintes, as leram [as obras] e compreenderam, afim de restaurar sua diferença, sua negatividade original e, com isso, seu valor”²⁵.

Os euclidianos do CCEC fizeram a obra de Euclides ganhar sentido. Por que? Porque aquilo fazia sentido para suas vidas. O Major Murillo Teixeira Barros²⁶, por exemplo, referindo-se à obra como “Evangelho do futuro do Brasil”, deixou vestígios de sua leitura da obra de Euclides em um artigo n’*O Tapejara*:

Nessa luta inglória [referindo-se ao combate em Canudos], porém, tivemos uma brilhante vitória que nenhuma guerra ainda obteve: um livro que orgulha literatura brasileira: “Os Sertões” de Euclides da Cunha²⁷.

A fruição do texto de Euclides da Cunha pelos escritores d’*O Tapejara* objetivava estabelecer “fórmulas” e normas para

²² COMPAGNON, *O demônio da teoria...*, p.196.

²³ *Idem*. p.197.

²⁴ JAUSS, H. R. *L’histoire littéraire comme défi à la théorie littéraire* (1967). *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978 apud COMPAGNON, *O demônio da teoria...*, p. 211.

²⁵ COMPAGNON, *O demônio da teoria...*, p. 212.

²⁶ Este artigo é o capítulo 59 do livro *A gente da Terra de Ibirapitanga*, escrito por este mesmo autor. Sobre o autor, assim como seu livro, ver WANKE, *Faris Michaele, o Tapejara...*, p. 151-154.

²⁷ BARROS, Murillo Teixeira. *A maior vitória na Campanha de Canudos. Tapejara*. 8.ed. set. 1952. p. 4.

um público potencial, que eles imaginavam poder reconhecê-los por suas práticas de leitura. Essas fórmulas ficam patentes nos gestos, nos hábitos e na própria leitura de *Os Sertões*. Para tanto, é necessário voltarmos-nos aos discursos dos escritores nas páginas do *Tapejara*.

* * *

Ainda que o universo discursivo que nos interessa perpassasse todos os volumes do jornal, limitaremos nosso foco de análise ao oitavo número de *O Tapejara*, de setembro de 1952, comemorativo ao cinquentenário editorial de *Os Sertões*. Os “euclidianos” estavam particularmente eufóricos nessa edição. João Alves Pereira, por exemplo,²⁸ descreveu seu primeiro contato e conseqüente aquisição de um exemplar de *Os Sertões* de forma muito sugestiva e, por isso, merece ser citada na íntegra:

O meu livro veio para minha estante pelo caminho mais raro das aquisições. Começou por ter sido achado na margem da linha da estrada de ferro, no trecho entre Valinhos e Teixeira Soares, por um maquinista meu amigo. Viajava ele para o sul, com um trem de cargas, quando a uma certa distancia divisou quase junto ao trilho, um objeto parecido com uma caixa. Palpitante de curiosidade foi diminuindo a marcha do trem e, finalmente, parou no lugar onde estava o objeto. O que parecia uma caixa era, apenas, um livro! O que, sim, um livro bonito. Encadernação aprimorada, coberta com percalina cor cinza, onde impresso com tinta branca, em baixo relevo, se lia: Euclides da Cunha - Os Sertões - Campanha de Canudos, 4ª edição corrigida - 1911²⁹.

A primeira idéia que temos do livro como objeto é que era um “achado”, no duplo sentido do termo, e por isso, teria valor. O autor do trecho acima - João Pereira Alves - era dono da gráfica onde se imprimia o *Tapejara* (Gráfica Montes & Pereira), o que explica, em parte, a familiaridade demonstrada com as formas de encadernação, indicando também o

²⁸ Para saber mais sobre este escritor euclidiano, ver testemunho de WANKE, *Faris Michaele, o tapejara*,... p.164-165. No CCEC pode-se encontrar sete obras de autoria desse escritor.

²⁹ PEREIRA, João Alves. Como conheci Euclides. *Tapejara*. 8.ed. set. 1952. p.1.

conhecimento do valor material do livro. Outros valores foram agregados:

Depois de apanhado o livro, com a simplicidade e monotonia de uma tarefa normal, prosseguiu, meu amigo a sua viagem. (...). Este fato se deu lá pelo ano de 1914, mais ou menos. Eu me lembro que foi desde essa época o meu primeiro contacto com *Os sertões*, de Euclides. Eu o via sempre em cima da mesa de trabalho daquele meu amigo, com o que adorna seu modesto escritório destinado para as reportagens de viagens. (...). Muito grato é, para mim, relatar que foi na residência simples daquele ferroviário que travei conhecimento com *Os Sertões*, isto bem claro, que não foi por sua leitura e compreensão, mas, pelo manuseio como satisfação da curiosidade pelo belo livro que todos quanto viam apreciavam³⁰.

Ao preservar o livro como adorno, aquele maquinista anônimo nos mostrou, como Walter Benjamin já havia percebido, que “se qualquer livro pode ter as propriedades dos espíritos, então seus fragmentos devem ser capazes de reter uma aura sagrada”. E ainda: “a aura de uma biblioteca pode se instalar mesmo num pequeno número de livros”³¹. Era um objeto que certamente prendia a atenção de quem por ali passava: “todos quantos viam apreciavam”. Então, “só” por esses motivos, o livro, aquela “peça”, já faria sentido para seu possuidor e também para os visitantes do escritório. É importante lembrar que, pela obra de Euclides, já se pagava à época quinhentos mil réis³². Um incrível contra-senso: enquanto servia de “adorno” num escritório de um maquinista, por outro lado, edições se esgotavam e a obra iniciava sua trajetória de imortalidade. E aqui se encontra a chave de entendimento dessa experiência: é exatamente o aspecto descartável dado àquele exemplar do livro por alguém, que acabou por torná-lo valioso³³.

³⁰ PEREIRA, Como conheci Euclides... p.1.

³¹ BATTLES, *A conturbada história das bibliotecas*,... p.195.

³² PEREIRA, Como conheci Euclides...

³³ A primeira página do *Tapejara* apresenta dois artigos grandes, sendo este aqui citado, traz a seu lado uma clássica fotografia do escritor Euclides da Cunha, impressa nas primeiras páginas de *Os Sertões* e, provavelmente,

Uma outra forma de leitura pode ser vista no artigo *No Cincoentenário de “Os Sertões”*³⁴, que também é exemplar da especificidade encontrada no Jornal. O autor iniciou seu extenso artigo na página 15 do *Tapejara*, (ainda que não fosse o único artigo da página, com mais dois artigos competindo pelo espaço), fazendo que sua continuidade se desse na página seguinte, com devido aviso ao leitor: “concluí na página 16”.³⁵

dali retirada. Isto pode ser considerado como um sinal de consagração, no quadro de valores de sobriedade que caracteriza o jornal, em que o texto predomina claramente sobre a ilustração. WERNECK, Leny. *Os suplementos literários nos jornais parisienses: uma análise de discurso*. In: PORTO, Sérgio Dayrell. (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. 2.ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. p.158. Para o segundo texto desta página há um “concluí na página...”. A estrutura do Jornal é muito estável: algo sobre a literatura brasileira, uma crônica sobre a literatura ou os acontecimentos ligados a livros novos, seções com temáticas específicas, como por exemplo, um poema sobre o dia do índio. Outros temas como perfis (retratos), história literária, romances, ciências, filosofia, mitologia, memórias (como o primeiro artigo de João Alves Pereira), letras e idiomas Tupi-Guaraní, resenhas, etc. A edição conta também com a transcrição de uma palestra de Cyro Ehlke. A palestra foi para a PRJ-2, “Rádiorádio Pontagrossense S. A. por ocasião dos festejos da ‘Semana Euclidiana’ e da passagem do cinquentenário de ‘Os Sertões’” (*Tapejara*: 9). E ainda outra palestra dada por Faris S. Michaele à mesma rádio. (*Tapejara*: 10). Há também a colaboração de redatores do Espírito Santo, Porto Alegre, Mato Grosso, São José do Rio Pardo, Portugal e um artigo escrito todo em inglês, (sem referência a quem seja seu autor).

³⁴ Escrito por J. Leão Borges que era sócio-correspondente de Vitória, Espírito Santo. Colaborou com dois artigos no *Tapejara*. Ver WANKE, Faris Michaele, *o tapejara*,... p. 284-285.

³⁵ A escrita literária que predominava no Jornal exigia textos longos. O formato pequeno da letra, o espaçamento curto das linhas impunha uma certa monotonia. Há uma certa semelhança entre os jornais *Le Monde des Livres* e *Tapejara*, se fosse apenas pelo formato, tipo tablóide, ou por ambos apresentarem linguagem literária, seria também por algumas chamadas no corpo do jornal. Para cada um dos textos há, em geral, um “concluí na página...” (*Tapejara* 8.ed.p.1; 2; 5; etc.). Ou “ler continuação na página...” *Le Monde des Livres*, WERNECK, Leny. *Os suplementos literários nos jornais parisienses*. In: PORTO, *O jornal*,... p.147-148. Obra que investiga entre outros assuntos, o livro e a leitura. O autor neste capítulo procura descrever ou analisar o discurso da imprensa parisiense quotidiana sobre o livro. Estabeleceu uma amostra a partir da escolha de três quotidianos representativos - *Le Figaro*, *Le Monde* e *Libération* - e da leitura de seus suplementos semanais cujo discurso se faz em torno do livro. O período da amostra colhida é de 1989.

Nesta, ao lado do título que acompanhava o restante do artigo, não importava para que página fosse, inscrevia-se: “conclusão da página 15” e ao final desta, outra informação: “conclui na página 5”. O leitor é levado a um passeio errático pelas páginas, em uma estratégia textual bastante comum naquele e em outros periódicos da época. Nesse caminho, J. Leão Borges, autor do artigo, fez-nos saber que Euclides da Cunha transformou a literatura. Antes dele, usava-se muito “da imitação das letras estrangeiras; principalmente portuguesa” e, depois de Euclides, houve uma transformação: “a literatura nacional” passou a ser “literatura emancipada ou independente, ‘como diz textualmente’”.

Atrás das convergências formais, como o texto escrito, podem-se expressar, sem entraves, discursos muito variados. Um outro artigo da edição, chamado *Euclides da Cunha*, escrito por Mesquita Neto³⁶, inicia referindo-se à semana de Euclides da Cunha³⁷. “Associações culturais, entidades e pessoas que sabem reconhecer os méritos das grandes figuras humanas, estão atentas às datas mais significativas de cada uma delas para render-lhe culto”³⁸. Cultuar tem um significado simbólico,

³⁶ Mesquita Neto era correspondente do Espírito Santo. Escreveu apenas este artigo para o *Tapejara*. WANKE, *Faris Michaelae, o tapejara...* p. 293.

³⁷ A Semana Euclidiana corresponde à semana que antecede a data da morte de Euclides (15 de agosto), criada em 1938 por Oswaldo Galotti na cidade de São José do Rio Pardo, no estado de São Paulo, outra sede do *fan club* euclidiano. Anteriormente a esta data, desde 1912, sempre no dia 15 de agosto se fazia uma cerimônia fúnebre. A Semana, em S. J. do R. Pardo “começa no dia 9 de agosto com um desfile de abertura quase carnalizado, uma mistura de parada cívica com militar, em que a sociedade está se mostrando. Esta carnalização atual teve início nos anos 80, justamente quando foi inaugurado o Sambódromo. (...) Dessa forma, o desfile da abertura seria uma cerimônia de anunciação, um rito de passagem”. Disse isso Carmem. C. T. Maschietto, que realizou um estudo de dissertação apresentado na UniRio intitulada “A construção da Identidade Euclidiana em São José do Rio Pardo: uma ponte entre História e Memória”, estudo antropológico sobre a Semana Euclidiana. COSTA, F. *Revista USP*, jul./ago., 2002. p. 62-63. Ela conta que a Semana conta com o desfile; conferência oficial (no dia 14), “religiosamente” às 20h; a romaria no dia 15, sempre às 14h; a Maratona Intelectual (a partir de 1940) e os Ciclos de Estudos Euclidianos (1960). E acrescentou: “os mitos vão sendo renovados” na cidade.

³⁸ NETO, Mesquita. *Euclides da Cunha. Tapejara*. 8.ed. set. 1952.p.4.

e certamente tinha valor dentro do CCEC, por ser um ritual comunitário, funcionando como “força motivadora da transformação histórica”³⁹. Natalie Davis diz que o historiador, ao interpretar as culturas e seus significados simbólicos, pode revelar de que modo o sistema social se ajusta e como os seus participantes percebem a si próprios e ao mundo exterior.⁴⁰ Mesquita Neto exibiu uma diferença de leitura com relação aos euclidianos de Ponta Grossa. Mostrou Euclides, a princípio, como um “intelectual”, “homem de letras” frustrado, ainda que esforçado:

Euclides não deixaria, nem definitiva nem provisoriamente de lado os seus filósofos. Mesmo em viagens de fiscalização pelo interior do Estado, ele tinha um jeito de levar consigo um livro da sua predileção: o seu Buckle ou o seu Carlyle⁴¹.

É possível que Mesquita Neto tivesse também o desejo de dedicar-se às letras única e exclusivamente, como parecia ser o sonho de Euclides e de muitos intelectuais. Regina Abreu narra a angústia de Euclides pela dificuldade que tinha de conjugar a atividade de engenheiro com a de intelectual:

A angústia de Euclides, dividido entre essas duas atividades, é exemplar para pensar o lugar em que viviam os intelectuais brasileiros, pioneiros que se dedicavam a fazer ciência no Brasil. Ainda não havia instituições adequadas para abrigar cientistas. As poucas que começavam a ser fundadas tinham, em muitos casos, suas vagas preenchidas por pesquisadores estrangeiros, como os museus nacionais. Euclides exasperava-se, com frequência, ante a divisão entre a engenharia fatigante e o trabalho intelectual: “agito às vezes este ponto de interrogação sinistro como o *Hamlet* nas malhas

³⁹ DESAN, Suzanne. Massas, comunidade e ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis. In: HUNT, *A nova história cultural...* p. 63.

⁴⁰ *Idem*.

⁴¹ NETO, *Euclides da Cunha...*, Euclides também era leitor de Dante Alighieri, Victor Hugo, Jules Michelet. Ambos, Hugo e Michelet transformaram o povo em herói coletivo, procedimento também adotado por Euclides em *Os Sertões*. Além dessas leituras, ao longo de sua vida, teve conhecimento dos trágicos gregos, Ésquilo, Sófocles e Eurípides, além dos dramas de Shakespeare. VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha no vale a morte. *Revista USP*, jul./ago., 2002. p.16.

do ser ou não ser e como herói *shakespeareano* deixo-me dominar pelas mais dolorosas dúvidas”⁴².

Como já foi destacado, os artigos analisados foram escritos para fazer parte das comemorações da Semana Eucliana, em 1952, quando:

Houve uma série de brilhantes palestras, (...). Houve, também, uma Maratona Intelectual para estudantes, (...) os quais fizeram jus aos prêmios da ‘Casa de Euclides’, de São José do Rio Pardo. Inaugurou-se, em seguida, uma exposição de edições antigas de ‘Os Sertões’. Local: Livraria Euclides da Cunha.

Como parte final das festividades, apresentamos, agora, esta edição especial e TAPEJARA⁴³.

Assim como ainda ocorre em São José do Rio Pardo, a Semana Euclidiana foi uma forma de sacralização de Euclides da Cunha.⁴⁴ Em rio Pardo, ainda existe um culto e um ritual. Assim, “o que ocorre na Semana é que o compromisso com a memória de Euclides possibilita à cidade comemorar a si mesma”. Maschietto afirma que por causa do envolvimento da comunidade rio-pardense nas Maratonas (a partir de 1940), Ciclos de Estudos Euclidianos (desde 1960), nos cerimoniais, etc., “os mitos vão sendo renovados”⁴⁵.

Essa relação nos faz articular um senso de filiação com uma tradição de formas expressivas e práticas institucionais. Ou seja, o Euclides de *Os Sertões* era real, existiu. Um Euclides de vários dramas, segundo F. de Assis Barbosa: o drama de um

⁴² Trechos da carta de Euclides a João Luís Alves. São Paulo, 26 set. 1895, apud ABREU, *O enigma de Os Sertões...*, p.208-209. E no CCEC, há, coincidentemente, um João Alves, um euclidiano que organizava a biblioteca, fichava e etiquetava os livros, faleceu antes de terminar seu trabalho. (WANKE, *Faris Michaele, o tapejara.*, p.100).

⁴³ “Notas e notícias culturais”, *Tapejara*. 8.ed. set. 1952. p. 20. Consta no livro Ata de 16 de outubro de 1952 do CCEC o registro da entrega dos prêmios aos ganhadores da maratona, “Os Srs Rolando Guzzoni, Nelson Rodrigues”.

⁴⁴ Segundo Carmem Maschietto, em entrevista concedida a COSTA, Francisco. A legião de Euclides da Cunha. *Revista USP*, 2002, jul./ago. p. 64.

⁴⁵ *Idem.*, p. 63.

escritor, o drama de um pensador, o drama de um republicano, de um patriota, de um idealista, estudioso, sociólogo, engenheiro, em suma, de um brasileiro⁴⁶. Entretanto, falar de Euclides como um mito não é negar sua existência ou dignidade ou significado prático. É um modo conveniente de dar especial atenção ao seu trabalho nas várias culturas que o sucederam. O mito de Euclides apresenta-se na forma de clássico, não se nasce clássico, torna-se clássico⁴⁷.

Outro autor de um artigo *n'O Tapejara*, Ottokar Hanns Hoeldke era mais um daqueles que Wanke definiu como “discípulos de Faris”.⁴⁸ Hoeldke dedicou-se algumas vezes a fazer sonetos a Faris e, em seu artigo no *Tapejara*, a falar de Euclides como poeta. Há quatro poemas de Euclides transcritos neste artigo: *Rimas, A flor do cárcere, D. Quixote e Página vazia*. “Suas poesias”, disse-nos Hoeldke, “não são muito conhecidas. São produções de sua mocidade e foram publicadas esparsamente pelos jornais, continuando outras ainda inéditas”⁴⁹.

Temos então um exemplo de um leitor de poemas de Euclides. Haverá alguma diferença entre a leitura de poemas e a leitura da obra *Os Sertões*? O próprio Hoeldke responde que, “mesmo escrevendo em prosa, Euclides foi poeta. Suas descrições revelam, à primeira vista, um poeta vigoroso, que descreveu, com alma, com um sentimento inaudito, o que vira”⁵⁰. J. Leão Borges concordaria com ele, quando, em seu artigo, citou versos recolhidos de *Os Sertões*. E para tanto, esclareceu-nos que era:

Um desentendido em técnica literária (...). Catei êsses versos, respingando-os nas páginas queridas do “Os Sertões” com o mesmo carinho e entusiasmo com que Euclides, no alto sertão do nordeste da Bahia, no seio daquela “rude sociedade de vaqueiros”, ouvia e anotava⁵¹.

⁴⁶ BARBOSA, F. de A. Euclides da Cunha: a marca de um drama. *Revista USP*, 2002, jul./ago. p. 50-51.

⁴⁷ COMPAGNON, *O demônio da teoria...*, p. 247.

⁴⁸ Sobre o autor ver WANKE, *Faris Michaele, o tapejara...*, p.85.

⁴⁹ HOELDKE, Ottokar Hanns. *O poeta Euclides da Cunha*. In: TAPEJARA. 8.ed. Set.1952. p.12.

⁵⁰ *Idem*.

⁵¹ BORGES, J. Leão. No Cincoentenario de “Os Sertões”, *Tapejara*. 8.ed. set. 1952. p.15.

Leopoldo M. Bernucci diz que Euclides possuía, sem dúvida, as faculdades criadoras de poeta:

Razão para controlar os impulsos da imaginação; *imaginação*, para engenhosamente revelar o seu estro e, conseqüentemente, a sua singularidade de escritor; e finalmente, *sensibilidade* para humanizar a sua obra e, assim, fazer com que a percebamos como muito próxima das nossas emoções⁵².

Hoeldke continua, dizendo que:

Em dezembro de 1902, Euclides publicou “Os Sertões”. Enviou alguns exemplares aos críticos da época e aos amigos. Para Lúcio de Mendonça e Coelho Netto escreveu, no retrato que acompanha o livro, alguns versos como dedicatória.

E nesses versos, Euclides expressa toda a sua alma, grandiosa e inquebrantável, indômita e ao mesmo tempo cheia de doçura. Punha à mostra uma alma de poeta, de sonhador: uma grande alma de sentimental⁵³.

Os artigos de Hoeldke e de Borges indicam a variedade de práticas de leituras, e de leitores em torno de uma mesma obra. Ao se preocuparem com a poética de Euclides da Cunha, ofereceram a seus próprios leitores facetas adicionais do culto que pretendiam disseminar.

O artigo de Faris Antônio Salomão Michaele, o sócio-fundador do Centro, no volume sob análise, é a transcrição de uma palestra lida por ele a Radioclube Pontagrossense no encerramento da Semana Euclidiana, e é uma fortíssima demonstração de defesa de Euclides da Cunha, já que Michaele recorre freqüentemente ao recurso de identificar-se com seu público pelo uso da primeira pessoa do plural. Michaele assume o papel de defensor de Euclides com relação às críticas feitas sobre *Os Sertões*:

Devendo na qualidade de presidente do Centro Cultural ‘Euclides da Cunha’, encerrar a série de palestras

⁵² BERNUCCI, Leopoldo M. Pressupostos historiográficos para uma leitura de *Os Sertões*. *Revista USP*, 2002, jul./ago. p. 10.

⁵³ HOELDKE, . *O poeta Euclides da Cunha...* p. 12. Os versos estão todos transcritos no Jornal.

comemorativas da semana Euclidiana e do Cinquentenário de 'Os Sertões', considero asado e de minha obrigação aproveitar o ensejo para, em torno da obra do nosso patrono, tecer alguns comentários e apreciações várias, que possam servir de contestação a certas críticas que lhe foram dirigidas, em ocasiões diferentes e por intelectuais também diferentes⁵⁴.

Analisando a historiografia da época da primeira edição da obra, ou seja, os primeiros leitores e leituras de *Os Sertões*, o primeiro ensaio crítico que partiu de José Veríssimo⁵⁵ no *Correio da Manhã*:

O livro do Sr. Euclides da Cunha, ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta,

⁵⁴ MICHAELE, Faris A. Salomão. Euclides da Cunha, Artur Ramos e Gilberto Freyre. *Tapejara* 8.ed. set. 1952. p. 10.

⁵⁵ Um dos mais famosos críticos literários do início do século XX. Mais que compreender sobre o *quê* falava a literatura de *Os Sertões*, aqui nos interessa saber como ela foi recebida pela crítica literária brasileira, tanto a que se fez no "calor da hora", como também a realizada em tempo posterior. Essa "vivência literária" se apresenta particularmente importante neste trabalho, pois ela permite, ao menos em parte, rastreamos os primeiros leitores de *Os Sertões* e, também, como o leram. A recepção das obras, "seus 'leitores primeiros', no geral, foram os 'homens de letras do período, um público caracterizado pela diversidade das idéias e padrões literários, (...), daí os *encontros e desencontros* de opiniões sobre a literatura de cunho libertário. (...) Os respeitáveis acadêmicos José Veríssimo, Coelho Neto, Araripe Júnior, Silvio Romero, Graça Aranha, dentre outros, se reuniam com aquele que 'nunca andara pelos cafés e confeitarias': Machado de Assis. Dentre as várias 'panelinhas' que se formaram no período destacava-se, 'como a mais freqüentada, e realmente a primeira, sob qualquer aspecto, a Garnier' A *Sublime Porta*, como eram conhecidos os umbrais da famosa livraria, era um prolongamento da própria Academia Brasileira de Letras". FENERICK, J. A. A literatura anarquista dos anos 1900/20: um estudo da recepção em dois quadros críticos. *Mneme – Revista Virtual de Humanidades*, n. 10, v. 5, abr./jun.2004. Disponível em <http://www.seol.com.br/mneme>. Consultado em 23/04/2006. Ainda sobre os "leitores primeiros", nos lembra Compagnon que "na ocasião da primeira recepção, os 'bons' escritores não têm, muitas vezes, outros leitores a não ser os outros 'bons' escritores, seus concorrentes, e é necessário cada vez mais tempo para que as obras, antes esotéricas, encontrem um público que lhes imponha as normas de sua própria avaliação". COMPAGNON, *O demônio da teoria...*, p. 238.

um romancista, um artista, que de ver e descrever, que vibra e sente tanto aos aspectos da natureza como ao contato do homem e estremece todo, tocado até ao fundo da alma, comovida até às lágrimas, em face da dor humana, venha ela das condições fatais do mundo físico, as secas que assolam os sertões do Norte brasileiro, venha da estupidez ou da maldade dos homens, como a Campanha de Canudos⁵⁶.

Michaele inicia com a crítica favorável de Veríssimo, para estabelecer que, depois do que ele, Alencar Araripe, Ronald de Carvalho e outros “mestres das letras” disseram sobre *Os Sertões* - nos termos do espírito literário da época e do espírito de Euclides “que acabou escrevendo um livro de ataque a pseudo-civilização das gentes do litoral, descendentes espirituais do Europa e dos Estados Unidos.”⁵⁷ - qualquer outra opinião contrária, ou incompatível com o “feito tamanho e tão magnífica visão descritiva” da literatura brasileira (como Michaele descreveu *Os Sertões*), não tinha nenhuma importância. Segundo Velloso,

Encarada como coisa menor ou discurso de segunda grandeza,

⁵⁶ VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura*. 5. ed. Rio de Janeiro, 1910. *Apud*: ABREU, *O Enigma de Os Sertões*, p.211. “Ao longo de nossa história político-intelectual, as mais diferentes correntes de pensamento tenderam a conceituar a literatura enquanto instância portadora e/ou refletora do mundo social. Assim, a produção literária aparecia como reflexo imediato e diretamente condicionado pela ordem social. Raros foram os nossos autores que se rebelaram contra esse paradigma de análise, buscando formas alternativas para pensar a relação literatura-sociedade. Os que tentaram esse caminho foram tachados de alienados, alienígenas, e definitivamente proscritos da legião dos escritores consagrados. Afinal, a grande acusação que sobre eles pesava era séria: desconhecer a nação!”. VELLOSO, Mônica Pimenta. A Literatura como Espelho da Nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988. p. 239-263.

⁵⁷ “Os principais consagrados de Euclides da Cunha [como Araripe Júnior e José Veríssimo] vieram de províncias do norte do país e, em que pesem suas diferenças, eram intelectuais comprometidos com o ‘resgate’ de antigas tradições populares e regionais. Todos eles procuravam descrever costumes e tradições de suas regiões de origem, acreditando que justamente elas podiam servir de fonte para um modelo ‘autêntico’ de nação. Esse ponto de vista opunha-se ao de grande parte dos reformadores urbanos e de um segmento das elites sediadas na capital federal que, buscando adequar-se a modelos cosmopolitas europeus, tinham olhos voltados para o exterior”. ABREU, *O Enigma de Os Sertões...*, p.373.

a literatura só passa a ser respeitada quando escorada pelos parâmetros cientificistas. Exige-se precisão, objetividade, exatidão. Condenam-se os juízos de valor, as interpretações e opiniões. A realidade social é concebida como um fato a ser examinado pelas lentes da ciência. Essa visão se faz presente nos paradigmas clássicos da crítica literária brasileira, através de Sílvio Romero e José Veríssimo. Se, para Sílvio Romero, o padrão de julgamento de uma obra literária é a *nacionalidade*, para Veríssimo esse padrão é a *linguagem*. Com as devidas diferenças, o raciocínio é o mesmo: a literatura é considerada como representação fiel de uma realidade maior que a condiciona, seja ela a nação, conforme o quer Sílvio Romero, ou a língua, como quer Veríssimo. É como se ao artista coubesse a função única de retratar uma realidade já dada⁵⁸.

Tendo essa consciência por base, a interpretação que podemos obter do discurso/palestra de Faris Michaelé é que, para ele, de fato alguns críticos de Euclides foram “a própria encarnação da incoerência”. Dentre eles, Faris destacou Artur Ramos e Gilberto Freyre. O primeiro, como nos conta Michaelé, “era inimigo declarado, por vocação e persuasão, do caboclo e de seu antepassado indígena”⁵⁹, referindo-se à *Introdução à Antropologia Brasileira* de Ramos.⁶⁰ Faris inicia sua contra-crítica atacando a afirmação de Ramos de que Euclides fora superficial em sua obra, E que Euclides escrevera de modo difícil, “com cipó”, “ininteligivelmente”.

Além disso, Ramos considerava que “Os Sertões’ foi um terrível anátema contra o nosso povo”, e, o livro “devia ser expurgado, antes de o traduzirem para línguas estrangeiras”⁶¹.

⁵⁸ VELLOSO, *A literatura como espelho da nação...* p. 239-263.

⁵⁹ MICHAELE, Euclides da Cunha..., p. 10.

⁶⁰ Há dois exemplares de duas obras diferentes de Arthur Ramos no acervo do CCEC. Porém, na coleção de Faris Michaelé há dez obras, entre elas: RAMOS, Arthur. *Introdução à Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro. Casa do Estudante do Brasil, 1943. v.I. e RAMOS, Arthur. *Introdução à Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1947. v.II.

⁶¹ *Os Sertões* teve edições traduzidas para diversos idiomas, entre eles, o Inglês, Alemão e Francês. No CCEC encontram-se 3 edições em Português (uma terceira edição, uma segunda e outra décima nona), uma em Inglês, Alemã e Francesa. Uma informação interessante a respeito das edições desta obra: “(...) a obra genial, já traduzida para 16 idiomas, em 2001 teve

Artur Ramos era um estudioso da temática dos afro-descendentes. Seu traço mais marcante foi atribuir aos quilombos um tempo histórico passado, cristalizando a existência desses quilombos no período em que vigorou a escravidão no Brasil, além de caracterizá-los exclusivamente como expressão da negação do sistema escravista, aparecendo como espaços de resistência e de isolamento da população negra.⁶² Para Faris, a oposição de Ramos à obra euclidiana era baseada em uma opção étnica:

o que mais magoa (...) os adversários de Euclides é a predileção que (...) votava ao caboclo ou mameluco. Isto é, por assim dizer, a causa primeira da ojeriza indiscutível dos afronegristas à incomparável Bíblia da Nacionalidade⁶³.

Aqui reside o ponto de divergência na crítica de Michaele: Artur Ramos, de certa forma, negava a cultura indígena como símbolo da nacionalidade brasileira. Os comentários de Ramos fizeram brotar reações em Faris a partir das quais podemos entender sua forma de leitura de *Os Sertões*. Por se tratar de uma palestra lida à rádio, supõe-se que seus ouvintes seriam entre tantos tipos, seus alunos, daí a grande apropriação da Obra: era o professor quem falava, também, e o critério de valor era a aplicação da literatura à vida, sua utilidade na formação dos homens e dos cidadãos, além, é claro, da constante defesa, em todas as edições do *Tapejara*, da individualidade indígena como característica identitária. Abreu explica que o antes e o depois da consagração de *Os Sertões* revelou-se um conjunto

uma segunda versão para o holandês por August Willensen (a primeira é de 1954). Berthold Zilly, em 1994, a traduziu para o alemão. Ambos estavam sendo aguardados para as festividades da Semana deste ano [2002, em São José do Rio Pardo]. Como também o tradutor Antoine Seel, que trabalhou em colaboração com Jorge Coli na segunda tradução para o francês". COSTA, F. A legião de Euclides da Cunha... p. 59.

⁶² SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecilia M.; CARVALHO, Maria Celina P. de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. *Ambiente & Sociedade*. Ano V. n.10. 1º semestre de 2002, p. 2. Neste artigo é possível encontrar as críticas que sofreu este estudioso, entre outros, da temática quilombola desde sua época, até os dias de hoje.

⁶³ MICHAELE, Euclides da Cunha..., p. 10.

de transformações no qual novos valores passaram a ser atribuídos, entre eles, a positivação do tema do interior, dos sertões, do campo, de uma cultura rural, na valorização dos regionalismos⁶⁴. A busca pelo “autenticamente brasileiro” refletiu, para os euclidianos do CCEC, na representação do índio, da cultura indígena. Em diversas passagens do *Tapejara*, nota-se nitidamente essa tendência em considerar as sociedades indígenas como sociedades peculiares, assim como nos sertões, “sociedades isoladas”⁶⁵. Segundo Michaele, a crítica de Artur Ramos estava marcada - e profundamente prejudicada - pelo “ódio de morte à raça indígena”⁶⁶ nutrido por ele.

Gilberto Freyre, por sua vez, condenou - sempre segundo Michaele - o caboclo ou mameluco, “cada vez mais, uma alma de outro mundo”⁶⁷. Rebatendo essa posição, Michaele deu ao índio um papel principal no movimento dos bandeirantes, cabendo aos afro-descendentes, portanto, um papel hierarquicamente inferior:

o papel do Homo Afer, portanto, secundário, na primeira fase das bandeiras, fenômeno antes lusoameríndio, e não apenas lusitano, como querem certos cronistas dalém-mar⁶⁸.

Outra passagem que nos interessa, para juntarmos as peças desse “quebra-cabeça”, é a sugerida por Regina Abreu quanto à dessexualização do escritor Euclides da Cunha. Segundo ela, “dois temas se conjugam, a renúncia da carne e

⁶⁴ ABREU, *O Enigma de Os Sertões...*, p.370.

⁶⁵ “O aspecto singular que distinguia as populações dos sertões do norte de outras populações igualmente ‘bárbaras’ explicava-se pelo fenômeno do isolamento, uma das teses de Os Sertões. Após o período inicial de povoamento pelos bandeirantes que a desbravaram. A região dos sertões do norte, onde se formou o Arraial de Canudos, teria ficado isolada durante muitos anos. Aqueles ‘rudes patrícios do interior’ eram herdeiros dos bandeirantes paulistas que começaram a segregar-se da civilização do litoral desde que cessou o movimento dos paulistas. O isolamento foi valorizado por Euclides enquanto possibilidades de maior proximidade com a natureza tropical, *sui generis*, fonte autêntica da nacionalidade”. ABREU, *O enigma de os Sertões...*, p. 217.

⁶⁶ MICHAELE, Euclides da Cunha..., p. 10.

⁶⁷ *Idem*.

⁶⁸ MICHAELE, Euclides da Cunha..., p. 10.

a negação da sexualidade, refletindo aspecto muito comum na literatura romântica, da contigüidade das energias sexual e criadora e do necessário sacrifício da primeira à segunda⁶⁹. Faris Michaele rebate uma crítica semelhante, esboçada por Freyre, quando este afirmou que Euclides “não gostava das formas arredondadas, que lembram as curvas femininas”⁷⁰:

Isto nada diz contra o seu estilo [de Euclides], uma vez que vem deixar claro, como é o próprio autor [G. Freyre] que reconhece, em outro ponto, que aqui é o matemático que se nos depara, com a sua frase comedida, na qual a idéia parece enclausurar-se, numa disciplina rígida, cheia de ângulos, de austeridade ascética, de relevos masculinos, como convém ao cenário dos sertões. (...) nas caatingas, não há [como] fugir ao dilema “mata ou morre”, em que aridez desértica exclui qualquer conceito de lazer concupiscente, como fora do gosto do sociólogo de Apipucos⁷¹.

A consagração do livro de Euclides da Cunha permite pensar os condicionantes que a literatura e as disciplinas históricas e sociais colocam umas às outras na competição pela definição da comunidade nacional e dos parâmetros para imaginá-la. Qual é o papel específico dos gêneros acadêmicos e literários, as teses e os *ensaios*, os estudos e os *romances*, para pensar a nação? Como se repelem e se complementam em diferentes estados do campo intelectual?⁷² A leitura que fez F. Michele d’Os *Sertões* foi, naturalmente, distinta da qual fez Artur Ramos e Gilberto Freyre. Cada um falava de perspectivas e campos de estudo diferentes, em momentos distintos. A função que Michaele representou neste artigo era de, mais uma vez, atribuir à Obra seu papel de clássico. Considerada por ele a “Bíblia da Nacionalidade”, podemos pensar que Michaele concebia o termo em um significado próximo àquele de Saint-Beuve:

⁶⁹ ABREU, *O Enigma de Os Sertões...*, p. 385.

⁷⁰ MICHAELE, *Euclides da Cunha...*, p. 11.

⁷¹ *Idem*. Apipucos era um bairro recifense onde Gilberto Freyre morava.

⁷² SORÁ, Gustavo. Construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre. *Trabalho apresentado no GT História do Pensamento Social, no XX Encontro Anual da Anpocs*, 1996.

Para Saint-Beuve, um clássico é um escritor ‘que falou a todos num estilo próprio, mas que é também o de todo o mundo, num estilo novo sem neologismo, novo e antigo, facilmente contemporâneo de todas as idades’. Saint-Beuve se entusiasma ao fim dessa longa frase, na qual quis encerrar paradoxos demais num único termo – particular e universal, antigo e moderno, presente e eterno -, mas procura honestamente descrever esse processo singular, a bem dizer estranho, pelo qual um escritor em quem seus leitores originais viram um revolucionário se revela, depois, ter sido um continuador da tradição e ter restaurado ‘o equilíbrio em proveito da ordem e do belo’ (...). Relacionava a grandeza de um escritor com o sentido do maravilhoso renovado a cada vez que se redescobre o esmo texto: um clássico é um escritor sempre novo para seu leitor⁷³.

Michaele conclui afirmando que “sem o escultural, sem o termo adequado e grandiloquente, ou sem imaginação criadora a exaltar-lhe as linhas mestras, nenhuma obra épica resiste ao peso dos anos”. O que permite a circulação e a perpetuação de um livro são as diferentes percepções e classificações que a obra publicada condiciona para diferentes comunidades de leitores, pois o clássico se define pelo uso que se faz dele.⁷⁴

* * *

O espaço público, como se sabe, não é um espaço real, mas um espaço simbólico, feito de saberes e de representações. O desejo de defender um livro tem, no CCEC, um sentido simbólico de grande importância para seus membros. Tratavam os acontecimentos do livro como os acontecimentos da atualidade, mas uma atualidade ligada à escolha do Jornal, com temas que lhes eram convenientes. Esses leitores de *Os Sertões* procuraram representar no jornal, suas experiências com a leitura, provaram viver o livro.

As estratégias em ação nos textos tinham determinações e inscritos específicos para quem os produzia. Foucault nos diz que “o discurso também não é ideologia: seria

⁷³ COMPAGNON, *O demônio da teoria...*, p. 237.

⁷⁴ Idem, p. 242.

quase o contrário; ele é o que é realmente dito, sem que os locutores o saibam: esses crêem falar de maneira livre e ampla; e com razão: é racionalização, idealização; é um amplo planejamento”⁷⁵. O que Foucault tenta mostrar é que as palavras nos enganam porque nos fazem acreditar em coisas que não existem, de objetos naturais que na verdade são apenas correlatos das práticas que correspondem, práticas que realizam, segundo Foucault, inconscientemente. “A consciência não tem como função fazer-nos apreender o mundo, mas sim permitir-nos que nos dirijamos neste mundo”⁷⁶. Ele sugere que este termo não seja usado, pois designa, algumas vezes, uma abstração, isto é, significação de uma prática, outras vezes, realidades mais ou menos livrescas, doutrinas políticas, filosóficas, até religiosas, quer dizer, práticas discursivas. Esses leitores-escritores fizeram apropriações de práticas sob condições e processos que fizeram brotar reações de construção de sentidos.

Isso fica visível na reconstrução, *a posteriori*, dos sentidos da memória dos participantes, evidenciado pelo texto de Eno Wanke, que foi atuante, como escritor do jornal, secretário e membro do Centro Cultural. No relato biográfico sobre a atuação de Faris Michael e outros euclidianos que Wanke publicou na década de 1990, ele reordena a memória e apresenta, entre tantas outras, informações do modo como o Centro era mantido.⁷⁷ Questões de limpeza, o aluguel do estabelecimento, o salário da secretária, compra de livros, a edição do *Tapejara*.

⁷⁵ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 252.

⁷⁶ *Idem*.

⁷⁷ No livro *Faris Michael, O Tapejara,...* Wanke disse que a idéia que deu impulso para a realização desta obra surgiu quando depois da morte (1977) de Faris Michael, o fundador do CCEC, Amélia, viúva de Faris, publicou a última obra de Faris: *Cepa esquecida*, e Eno Theodoro Wanke foi convidado a “dizer umas palavras na portada do livro”. *Cepa esquecida* tratava-se, nas palavras de Faris, de um trabalho único no gênero, pois, pela primeira vez no Brasil, o fenótipo caboclo, mameluco ou indiático é estudado, acima de tudo, do ponto de vista antropológico-físico. WANKE, Faris Michael, *o tapejara,...* p. 127. e MICHAEL, Faris A. S. *Cepa esquecida: brasileiros ilustres de sangue indígena*. Ponta Grossa: Gráfica Planeta Ltda, 1983.

Ele conta que era o próprio Faris Michaele quem cobria as despesas da publicação do jornal, insistindo na publicação como instrumento legitimador. Talvez essa seja a explicação do por que da disputa de espaço entre os artigos do Jornal, o (pequeno) tamanho da letra, o formato tablóide do jornal, as diversas barragens que separam os artigos, etc. E acrescenta:

É verdade que havia, então, uma verba do governo Federal conseguida pelo Senador Flávio Guimarães⁷⁸, e também outra da Prefeitura - cujo prefeito era sempre euclidiano. Faris, sem dúvida, tirava dinheiro de seu magro salário de professor para completar as despesas. Ele, discreto, jamais mencionou o assunto, mas acredito que esta seria a maior parte delas⁷⁹.

As características do Jornal justificavam-se pela precariedade financeira que inviabilizava sua manutenção e distribuição. A forma e os discursos em torno da missão dos participantes - tanto do CCEC quanto os diversos contribuidores do jornal - ajudam a definir essas pessoas como parte de uma “linhagem de intelectuais voltados para a participação pública”, imbuídos de uma “missão” civilizadora, como o próprio Euclides da Cunha o fora.⁸⁰

Esta talvez seja a razão pela qual os temas dos artigos verssem impreterivelmente sobre Euclides, apresentando uma forte tendência descritiva, mais que uma postura crítica. Entretanto, a descrição de Álvaro Porto Alegre nos mostra um Euclides, a seu ver, “retraído”; “enojado dos homens”; “superior”:

Ser superior, se se retraía, em retraimento ate prejudicial à sua pessoa, talvez o fizesse por desprezo, reconhecendo sua superioridade entre mediócrs, protegidos e invejosos, o que repugnava à delicadeza do seu sentir (...). Incompreendido, um torturado, um atormentado. (...) Ai não só se manifestava

⁷⁸ Entre os integrantes do grupo euclidiano ponta-grossense, percebe-se a diversidade de ideário político (integralistas, udenistas, social-democratas, comunistas). No entanto, o instituto se apresenta como apolítico, neutro e imparcial. DITZEL, C. de H. M; SAHR, C. L. L. *Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais*; Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001. p. 214.

⁷⁹ WANKE, *Faris Michaele, o tapejara...*, p.101.

⁸⁰ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*; tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 244.

uma tendência natural proveniente do sangue indígena que lhe corria e lhe bulhava nas veias, mas ainda característica do homem de gênio. (...) O homem de gênio isola-se do mundanismo.⁸¹

Resta-nos saber se estas afirmações de Porto Alegre correspondem ao caráter pessoal de Euclides. Um predestinado, num conceito mais comum, é aquele eleito por um deus desde toda a eternidade para grandes realizações. Para os euclidianos, a grande realização de Euclides foi seu livro *Os Sertões*⁸². M. Battles nos diz que “a veneração pela palavra escrita é compartilhada por todos os povos cuja religião está organizada em torno de um livro sagrado”⁸³. Venerava-se a palavra escrita, venerava-se um livro: considerado “A Bíblia da Nacionalidade”⁸⁴. Para seus participantes, o Centro Cultural Euclides da Cunha assumia, algumas vezes, caráter religioso, cujos parâmetros dogmáticos, os autores sob foco estão tentando estabelecer.

O que vem a dar valor ao que dizia outro euclidiano, em poema, ao *Tapejara*: “teu nome vive e o teu valor existe na expressão eterna das tuas atitudes”⁸⁵. A literariedade⁸⁶ permite essa definição que estamos propondo: havia literatura nas páginas de *O Tapejara*. Ela permite o movimento da história e reencarna em cada leitor, que a expressa em cada ato do seu dia-a-dia, principalmente, na linguagem. Não buscamos, aqui, um modelo de leitor, algo bastante difícil. Entretanto, é possível traçarmos um perfil desses leitores. Um perfil que os colocaria como símbolo de uma certa intelectualidade nacional⁸⁷.

⁸¹ ALEGRE, Álvaro Porto. Um predestinado. *Tapejara*. 8.ed. p.8.

⁸² Rubem Braga, curiosamente, assim se manifestou quando viu pela primeira vez a cabana onde morava Euclides da Cunha em São José do Rio Pardo: a mesa da cabana seria o altar, o estandarte do Grêmio Euclides da Cunha seria o Estandarte do Divino e a cabaninha poderia ser vista como uma capelinha. COSTA, F. A legião de Euclides da Cunha ..., p. 64.

⁸³ BATTLES, *A conturbada história das bibliotecas.*, p.191.

⁸⁴ MICHAELE, Euclides da Cunha..., p. 10.

⁸⁵ MOTA, Mario. Poema de elogio a Euclides. *Tapejara*. 8.ed. Set. 1952, p. 5. Sobre o autor ver WANKE, *Faris Michaele, o tapejara...*, p. 292.

⁸⁶ COMPAGNON, *O demônio da teoria...*, p. 43.

⁸⁷ Carmencita de H. M. Ditzel caracteriza esses euclidianos de “intelectuais de província” em DITZEL, SAHR, *Espaço e Cultura...*

O CCEC, segundo seus estatutos, não tinha preferências ideológicas de qualquer tipo. É isso, acima de tudo, o que fez dele uma biblioteca. Ao que parece, Faris Michaelle almejava uma biblioteca que não apenas operasse com eficiência, como também promovesse a eficiência na vida de seus leitores. E, parafraseando Mathews Battles, o CCEC é simplesmente um amontoado de rebotalhos sem medo de suas próprias contradições⁸⁸.

Sobre a variedade de leitores que encontramos no jornal *Tapejara*, podemos chamar suas inscrições neste mesmo jornal como “marcas” da leitura. Marcas que nos informam as reações no momento da leitura. A mais comum é presença de passagens, trechos da obra que sinaliza o local que o leitor encontrou significado. Então por que eu Euclides? Porque ele seria o caminho para a auto-consagração. Teria que haver aí um desejo de auto-representação para que pudéssemos dizer que havia legitimidade neste desejo. Gozavam das datas estratégicas para a prática de usos políticos literários. Usaram do símbolo “Euclides da Cunha” para as práticas que os caracterizavam como uma comunidade de leitores.

Referências

- ABREU, R. *O enigma de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Funarte: Rocco, 1998.
- BARBOSA, F. de A. *Euclides da Cunha: a marca de um drama*. In: Revista USP, 2002, jul./ago. p. 50-51
- BATTLES, M. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.
- BERNUCCI, L. M. Pressupostos historiográficos para uma leitura de Os Sertões. *Revista USP*, 2002, jul./ago. p. 10.
- CHARTIER, R. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- _____. A ordem dos livros; leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Ed. UNB, 1998.
- _____. Textos, impressões e leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992, 211-238.
- CHAVES, N. B. (org.). *Visões de Ponta Grossa: cidade e instituições*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2004.

⁸⁸ BATTLES, *A conturbada história das bibliotecas...*, p. 194.

- COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- COSTA, F. A legião de Euclides da Cunha. *Revista USP*, jul./ago., 2002. p.62-63.
- DESAN, S. Massas, comunidade e ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis. HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- DOMINGUES, H. M. B. *Os intelectuais e o poder na construção da memória nacional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986. In: DITZEL, C. de H. M.; SAHR, C. L. L. *Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais; Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001*.
- DITZEL, C. de H. M.; SAHR, C. L. L. *Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais; Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001*.
- ECO, H. *O nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Record/Altaya, 1986.
- FENERICK, J. A. A literatura anarquista dos anos 1900/20: um estudo da recepção em dois quadros críticos. *Mneme – Revista Virtual de Humanidades*, n. 10, v. 5, abr./jun.2004. Disponível em <http://www.seol.com.br/mneme>.
- HUNT, L.. *A nova história cultural*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- PESAVENTO, S. J. (org.). *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. São Paulo: EDUSC, 2004
- PORTO, S. D. (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. 2.ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.
- SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. *Ambiente & Sociedade*. Ano V. n.10. 1º semestre de 2002.
- SORÁ, G. A construção sociológica de uma posição regionalista: Reflexões sobre a edição e recepção de Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre. *Trabalho apresentado no GT História do Pensamento Social, no XX Encontro Anual da Anpocs*, 1996.
- SEVCENKO, N. *Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- VELLOSO, M. P. A Literatura como Espelho da Nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988, p.239-263.
- VENTURA, R. Euclides da Cunha no vale da morte. *Revista USP*, jul. / ago. 2002. N. 54. p. 16-29.
- VEYNE, P. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- VOVELLE, M.. *Imagens e imaginário na História*. Fantasmas e certezas

Gonzatto & DeNipoti

nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Ática, 1997.

WANKE, E. T. *Faris Michaele, o Tapejara: uma biografia*. Rio de Janeiro: Edições Plaquette, 1999

Horizontes de expectativas: leitores e continuadores de Euclides da Cunha nas páginas do jornal Tapejara em Ponta Grossa, 1952.

Caroline Gonzatto
Cláudio DeNipoti

Resumo: Este artigo busca compreender as leituras de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, feitas pelos membros do Centro Cultural Euclides da Cunha, de Ponta Grossa, ao longo das décadas de 1940 e 50. A análise foca-se sobre as diferentes formas de compreensão da nacionalidade brasileira, da identidade regional e da agregação em torno de ideais intelectuais de raça, nação e literatura para formar uma comunidade interpretativa que compartilhava as representações em torno destes temas.

Palavras-chave: Identidade nacional; cultura; história da leitura.

Abstract: This article tries to understand the readings of Euclides da Cunha's *Os Sertões*, which the members of the Centro Cultural Euclides da Cunha, in Ponta Grossa, in Southern Brazil, did along the 1940's and 50's. The analysis is centered on the different understandings of Brazilian nationality, regional identities, and gathering around the ideals of race, nation and literature in order to form an interpretative community which shared the representations about these themes.

Key words: National identity, culture, history or reading.

Artigo recebido para publicação em 20/11/2007

Artigo aprovado para publicação em 27/12/2007